



#### A VIGÓRIA DO PORTO

Numa tocante manifestação de simpatia, o dirigente Francisco Retorta felicita Araújo pelo seu regresso à actividade do Futebol, oferecendo-lhe em nome do Benfica um ramo de flores, gesto sublinhado por uma ovação total da assistência

# Stadium

N.º 410 ★ 11 de Outubro de 1950 ★ 2\$50

Foto HERMANN

# O RENASCER DA LUTA PORTO-LISBOA

Crónica de TAVARES DA SILVA

**Q**UARTA jornada do Nacional, com dois jogos de extrema importância: Futebol Club do Porto-Benfica e Sporting de Braga-Sporting Club de Portugal.

São já conhecidos os resultados. De entre eles avulta o da Constituição, moldura insuficiente para «quadro» de tanta valia.

Os «leões» mantiveram-se à frente, conservando um ponto de vantagem — sobre o F. C. Porto, seu adversário de domingo próximo. Que grande jogo em perspectiva!...

Independentemente dos resultados — com a sensação portuense — há pormenores a salientar desde já.

Assim: o 2.º lugar em que ficou o F. C. Porto (voltaremos a ter o F. C. Porto que tanta falta tem feito à competição?); o 3.º lugar da Vitória de Setúbal; os 5 pontos de diferença do Benfica para os «leões», isto é, do campeão para o vice-campeão de 1949/50. Individualmente, há proezas a salientar: a exibição de Araújo; os 3 golos de Vasques em Braga; os 4 de Ben David, na Tapadinha. O «caso Araújo» é notável. Temos homem? Parece que sim.

**S**EM dúvida, o Porto fez uma exibição brilhante com fundamento em futebol de ataque, o que pressupõe confiança nas possibilidades do grupo. Para tanto contribuiu decisivamente a acção de Araújo, que é um grande jogador. Causa, na verdade, espanto que um praticante da bola esteja muito tempo sem jogar, e, na volta, logo se apresente em tão magníficas condições, nada haja perdido do seu mérito, pelo contrário, refine e apure os seus processos. E o mais curioso do caso é que, julgamos, Araújo poderá atingir melhor condição física; quer dizer, tornar possível ainda um mais perfeito apuro da sua vocação. O desafio, mesmo que não se quisesse, teria de ser analisado à volta da figura central desse interior-direito. Ele avulta. Há determinados conjuntos escultóricos em que se destaca uma determinada e predominante figura, ajudando as figuras ou motivos

que lhe ficam ao lado a destacar a sua estatura e a penetrar no seu sentido.

A linha atacante do Porto, insensivelmente, fez-nos recordar essas esculturas de conjunto.

A projecção de Araújo irradiou para todos os lados em termos de realçar as qualidades dos seus companheiros, obrigando-os ao rendimento na sua máxima medida. Os rapazes meteram-se dentro do método e nele se sentiram tão bem — Araújo sempre que a bola lhe veio por alto depositou-a no chão e jogou-a de forma inimitável! — que o futebol decerto lhes pareceu uma arte mais simples e fácil.

Julgamos cumprir um dever de crítica construtiva, anotando a habilidade manifestada por Nelo, que, não entendendo todos os lances procurou, no entanto percebê-los e interpretá-los convenientemente. Mesmo todos os outros acusaram melhoria.

Se o futebol do Porto venceu mais o seu sentido no ataque, o que permite supor relativa tranquilidade para a defesa, não é menos certo que, esta, ao ser chamada à efectividade, se comportou ao mesmo nível da avançada. Digamos que o seu esforço não foi prolongado, mas ninguém disso terá culpas...

Carvalho continua a ser um dos esteios do team, maravilhoso de tenacidade. Gosta de se bater, joga com entusiasmo e tem vibração. O mesmo acontece com Virgílio que, todavia, precisa de disciplina a sua maneira de ser. Alfredo é toda uma segurança, precisando de treinos para melhorar o seu poder de antecipação e talvez de elevação. Os médios de ataque constituem uma liga de razoável força, obreiros incansáveis do jogo. Joaquim já é um soldado valor; Pinto Vieira corresponde com mérito.

Na hora e meia, o Porto só sentiu o mau espectro durante escassos minutos no final da primeira parte. A organização defensiva durante a meia-hora inicial não se deixou dominar, antes talvez levando a melhor. Francisco Ferreira esteve de guarda a Araújo, e toda a defesa passou uma vida tranquila. Felix melhorou relativamente às últimas exibições. Moreira cumpriu, sem

razões. O mesmo se poderá afirmar de Fernandes, Rosa e Jacinto, este acusando sensíveis quebras de energia.

No segundo tempo, o cenário mudou quase por completo. Lembrou-nos os palcos giratórios que têm dois cenários, um sempre pronto a suceder ao outro. O Porto caiu a fundo e desmembrou a defesa benfiquista. A inutilização de Felix, aquando da conquista do 2.º golo portuense, completou a obra de desgaste. O Benfica alterou o seu dispositivo, Francisco Ferreira foi-se ao ataque em atitude vagamente romântica, e desta desorientação geral resultou a tirania do F. C. do Porto. Só Águas, um jogador que, ao ter mais alguns quilos de peso, se converterá num autêntico valor, conservou um pouco do seu poder. Conservou e aplicou-o. Júlio está manifestamente fora de forma e Melão é uma hipótese. O Porto actuou sempre até ao fim de espada afiada. Veremos o que o grupo consegue em casa alheia para tirar então a prova real.

**E**M Braga, os «leões» da capital passaram um bocado amargo no final da partida. De entrada, até os 24 minutos do segundo tempo, os lisboetas carregaram melhor sem haverem jogado bem.

A exibição dos comandantes teve lapsos sensíveis, desde o retraimento dos médios de ataque — o que em Canário surpreende — à falta de serenidade dos avanços. Wilson podia, ele só, dar tranquilidade aos «leões», aproveitando duas ou três das muitas oportunidades criadas e perdidas pela avançada da capital. Depois, chegaram a 3-0, os visitantes abrandaram, permitiram que os visitados tomassem ascendente — e a coisa esteve feia... Dois lapsos da defesa dos lisboetas deram outros tantos golos. No último minuto o empate esteve à vista.

Notas mais importantes do jogo: ineficácia do ataque local, com primeiro remate sério aos 21 minutos da segunda parte; as numerosas «perdidas» dos avançados de Lisboa; a invalidação ao Sporting de um golo limpo de Jesus Correia; a subida de forma da defesa do grupo da capital.

**O** Oriental fez mau resultado no seu campo. Os lisboetas levantaram demasiado a bola, facilitando a tarefa dos defensores vimaranenses. A actuação dos dois «teams» foi modesta.

Não pode pensar-se, pelo que se passou agora, que futuros adversários encontrem as mesmas facilidades do Guimarães. Mas o Oriental não deve descurar o seu plano de jogo, esforçando-se por baixar a bola em exibições futuras. A equipa possui capacidade para melhor e o percalço de agora não é de causar preocupações — só por ele... Os minhotos melhoram. É a equipa rainha dos empates!...

**O**S «leões da serra» estão a habituar-se às recuperações sensacionais — no seu campo. Agora, contra o Olhanense (já algo remocado), o grupo serrano esteve em desvantagem e fez um esforço enorme, mas brilhante, para evitar a derrota. Cabrita e Mário Reis evidenciaram-se numa pugna ardorosamente disputada; se todos deram o melhor de si próprios, estes dois jogadores foram a mais viva tradução do entusiasmo dos contendores.

O Olhanense começou, parece, a sua fase de rejuvenescimento que pode dar bons frutos. Necessita de persistir.

Quanto ao onze de Simonyi precisa de ver onde há falhas que justifiquem atrasos com consequentes esforços para os anular. As vezes a tarefa resulta inútil e toda a cautela é pouca...

**N**OS Arcos (Setúbal) o Vitória alcançou triunfo escasso, mas que foi bastante para o conservar num muito curioso terceiro lugar. Os sadinos, assim lançados, tornam-se adversários muito perigosos no seu terreno — onde alguns grandes têm tropeçado.

O Boavista mostrou, em glógo, melhor organização. Mas voltou a verificar-se a sua invulgar falta de objectividade do ataque, aliás, desta vez bem imitada pelos dianteiros setubalenses. Repare-se que o único golo foi obtido de «penalty» — o que depõe muito mal quanto à capacidade dos dianteiros do Sado.

**B**ELENENSES-ESTORIL foi um bom desafio, alegre e movimentado. Exibição muito aceitável dos amarelos da Costa do Sol, em conjunto. Os azuis, mais eficazes, andaram duas vezes à frente, e tal avanço, na verdade, só se compreendia exactamente por aquele motivo. Os avançados das Salésias parece que se dispuseram a fazer golos e não sabemos bem até que ponto influiu nisso a chamada de Frade ao eixo do ataque. Com ele lá, a avançada belenense marcou 10 golos em dois desafios. E isto é que conta, fundamentalmente, podendo dar-nos a indicação de que os azuis estão quase a encontrar o «team» de que há muito estão carecidos.

Neste desafio o êxito belenense foi mais de unidades softas que de conjunto, com evidência para Serafim, Rebelo e Pedroto. O ex-Lusitano parece ter entrado no ritmo que conheceu no seu antigo clube.

O conjunto da Costa do Sol afirma-se capaz de voltar ao seu antigo esplendor.

**N**A TAPADINHA o Atlético reabilitou-se. Depois do «desastre» de dias antes, a equipa entendeu que era chegado o momento de aplicar o seu esforço mais vibrante.

O ataque, com Ben David ao meio, modificou-se. Ben David, beneficiando de folgas, jogou a boa altura, marcando quatro golos. Eis uma bela proeza.

A defesa de Associação Académica foi muito discreta. E assim se justifica que os alcantarenses atingissem meia dúzia de golos e melhorassem uma posição que começava a ser desanimadora. Uma vez mais o brio dos alcantarenses surgiu em bom momento, tapando até falhas de mocidade.

## CLASSIFICAÇÃO

CLUBES	J.	P.	EM CASA			FORA			TOTAL			GOLOS	
			V.	E.	D.	V.	E.	D.	V.	E.	D.	F.	C.
Sporting . . .	4	8	2	0	0	2	0	0	4	0	0	17	4
F. C. Porto . .	4	7	2	0	0	1	1	0	3	1	0	14	4
V. Setúbal . .	4	5	2	0	0	0	1	1	2	1	1	5	5
Estoril . . . .	4	4	2	0	0	0	0	2	2	0	2	13	8
Belenenses . .	4	4	2	0	0	0	0	2	2	0	2	7	8
Covilhã . . . .	4	4	2	0	0	0	0	2	2	0	2	13	14
S. C. Braga . .	4	4	1	0	1	1	0	1	2	0	2	9	13
Académica . .	4	4	2	0	0	0	0	2	2	0	2	8	13
Benfica . . . .	4	3	1	0	1	0	1	1	1	1	2	13	12
Atlético . . .	4	3	1	1	0	0	0	2	1	1	2	10	11
Guimarães . .	4	3	0	2	0	0	1	1	0	3	1	7	10
Oriental . . . .	4	3	1	1	0	0	0	2	1	1	2	5	10
Boavista . . . .	4	2	1	0	1	0	0	2	1	0	3	5	9
Olhanense . . .	4	2	1	0	1	0	0	2	1	0	3	7	12

Proseguiram com o entusiasmo habitual os torneios de apuramento para o Nacional da II Divisão.

Vejamos como decorreram os diversos torneios.

## LISBOA

Alhandra 0 — Casa Pia 0.  
Olivais 5 — Arroios 2.  
Operário 1 — F. Benfica 2.

Em Alhandra, um terreno difícil para qualquer, o Casa Pia foi arrancar um ponto preciosíssimo. O jogo decorreu com muito entusiasmo e alguns atritos, sempre de deplorar e de evitar que se repetam... Os dois grupos dispuseram de várias oportunidades de golo, que a precipitação e a falta de calma dos avançados fizeram gorar. Enfim um autêntico desafio de campeonato, com nervos e muita energia... E claro, a bola no ar...

Saúde-se com alegria a primeira vitória do Olivais.

Eis um triunfo concludente, volumoso e sem reticências...

O grupo de Peyroteo não suportou a grande vontade dos olivalenses, que tinham necessidade premente de ganhar este encontro. E quando uma equipa se apresenta com o «querer» do Olivais, é difícil segurá-la...

E deixámos propositalmente para o fim a grande surpresa: a derrota do Operário no seu próprio campo. Os «leaders» humanamente tinham de ceder. Mas cederam quando menos se esperava: no seu seio, com ambiente de euforia em volta, e contra uma equipa que se tem mostrado irregular. Não está nada perdido! É preciso fé, e olhar em frente com confiança...

## SETÚBAL

Barreirense 4 — Seixal 1.  
Ginásio 2 — Luso 1.  
Montijo 1 — C. U. F. 1.  
Cova da Piedade 2 — Almada 2.

Está bem patente o nítido equilíbrio deste torneio. As previsões aqui, tendem a falhar rotundamente.

Saliente-se o empate que a C. U. F. foi alcançar no terreno dos comandantes. Isto é sempre proeza de se lhe tirar o chapéu...

E o Barreirense volta ao seu lugar. Ainda bem. Está, já em segundo acompanhado pela C. U. F. e pelo Cova da Piedade. E subirá mais!

O Ginásio conseguiu a sua se-

## II DIVISÃO

# Enfim o Operário «caiu» Barreirense agiganta-se!

### Nas outras Associações impera o equilíbrio

gunda vitória, o que deve animar o grupo. E na Cova da Piedade, o Almada conheceu mais uma vez o amargo travo da derrota.

Enfim. Reina a confusão na escala dos valores, o que só valoriza a competição.

## BRAGA

Gil Vicente 0 — Vianense 0.  
Sp. Fafe 3 — F. C. Fafe 0.  
Monção 1 — Famalicão 0.

O Famalicão parece-nos, e isto visto a muitos quilómetros de distância, que não está a dar uma medida exacta do seu valor. Os maus resultados sucedem-se e a equipa parece oscilar. Gil Vicente e Vianense empataram num encontro que dá ideia de equilíbrio. Na luta entre os dois clubes de Fafe a vantagem pendeu para o Sporting.

## VILA REAL

Vila Real 6 — Operário 2.  
Bragança 0 — Chaves 2.  
Mirandela 3 — Régua 1.

O campeão crónico conseguiu mais uma rotunda e concludente vitória. O Chaves foi a Bragança ultrapassar um difícil obstáculo. O Régua fora de casa escoregou, o que não admira muito, pois o Mirandela tem-se afirmado turma de capacidade.

## PORTO

Académico 0 — Leixões 1.  
Tirsense 3 — Aves 0.  
Leça 1 — Salgueiros 1.

O Leixões foi ao Estádio do Lima vencer pelo resultado mínimo o grupo de amadores do Académico. O Tirsense, grupo cheio de possibilidades venceu o animoso Desportivo das Aves. Em Leça, o Salgueiros empatou um encontro que poderia ter ganho. A luta promete.

## AVEIRO

Sanjoanense 6 — Beira Mar 0.  
U. Lamas 7 — Ovarense 2.  
Sp. Espinho 2 — Oliveirense 1.

Surpreende logo de entrada a derrota sofrida pelo Beira Mar em São João da Madeira. Não pelo resultado em si, que é normal. Mas sim pelo volume. Aplicam-se as mesmas palavras ao jogo União de Lamas-Ovarense. Em Espinho os locais venceram pela tangente um adversário sempre difícil e animoso.

## VISEU

Tondela 1 — Mangualde 0.  
Lusitano 0 — S. L. Viseu 3.  
Académico 1 — Lamego 1.

O resultado alcançado pelo Académico de Viseu, não estava dentro das previsões gerais. A equipa que se apresentava com excelente balanço, tropeçou e no seu próprio terreno. O S. L. Viseu foi fora de casa arrancar uma vitória que é de justiça encarecer. Tondela conquistou um resultado normal.

## COIMBRA

Marialvas 4 — Lusitânia 2.  
Lousanense 0 — Naval 3.  
Anadia 2 — União 0.

O União, que parece o mais apetrechado concorrente não evitou a derrota, frente à aguerrida turma da Anadia.

A Naval venceu o Lousanense por um resultado que quer dizer qualquer coisa. A vitória dos Marialvas está dentro da normalidade.

## SANTARÉM

Ferrovíários 4 Alcanenense 1.  
«Leões» 4 — D. Benavente 0.  
Rossiense 2 — Torres Novas 4.

O «Ferroviários» do Entroncamento ganhou ao entusiástico grupo de Alcanena por resultado claro. Os «Leões» lá seguem de vento em popa, e com grandes esperanças. O Torres Novas foi a casa do Rossiense fazer um resultado que merece aplausos.

## PORTALEGRE

«O Elvas» 9 — Portalegrense 0.  
Estrela 2 — Campomaiorense 6.  
Alter 2 — Elétrico 2.

O laureado «Elvas», continua sem pressas e dando nítidas mostras de superioridade, a esmagar os seus antagonistas. A equipa

Guarde as embalagens LUMIÈRE, porque lhe reservamos concursos e prémios.

«existe»... O Campomaiorense merece parabéns pela excelente vitória alcançada em «casa» do «Estrela».

## ÉVORA

União 10 — S. L. Évora 0.  
Juventude 3 — Ateneu 1.  
Lusitano 5 — Estrela 0.

Na Associação da «febre» a luta empolga. O União ressarcir-se do desaire anterior esmagando o S. L. Évora por uma contagem esmagadora.

O Juventude parece que teve dificuldades, e o Lusitano segue bem encarreirado. O «sprints» final promete estoirar com os nervos dos adeptos.

## BEJA

Atlético Moura 2 — D. Beja 4.  
Aljustralense 5 — F. C. Serpa 0.

O Desportivo de Beja foi ao campo do Atlético de Moura, vencer com relativo à-vontade, um desafio que se previa difícilíssimo. O Aljustralense conseguiu uma vitória robusta que mostra bem o poder de ataque do grupo.

## LARO

Farense 7 — Silves 1.  
Boa Esperança 1 — Portimonense 4.  
Lusitano 5 — S. L. Faro 1.

O Portimonense foi alcançar ao terreno do Boa Esperança uma justa e expressiva vitória. O seu duelo com o Lusitano deve vir a ser «coisa» falada... Entretanto os «encarnados» do Algarve, continuam calmamente na sua rota apesar das baixas sofridas. A equipa não perdeu a cabeça...

★

E como se vê, de dia para dia, as lutas se mostram mais ásperas e mais confusas. E então, quando se chegar à segunda fase...

AMADEU J. DE FREITAS

Série II — Ano VIII — N.º 410  
Lisboa, 11 de Outubro de 1950

**Stadium**  
REVISTA DESPORTIVA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
**RUA DA ROSA 252-1.**  
Telefone. 31187 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS  
Chefe da Redacção: DR. TAVARES DA SILVA

Propriedade de  
**EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM LIMITADA**

NEOGRVURA, LIMITADA

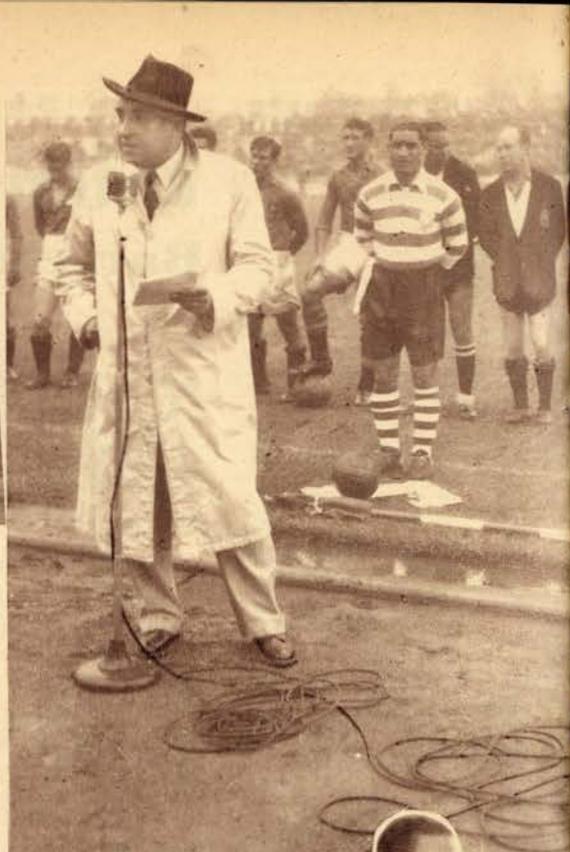
Visado pela Comissão de Censura



O dr. Ribeiro Ferreira, presidente do Sporting, recebe de Manuel Marques a linda medalha comemorativa da sua Festa



Manuel Marques entrega a todos os jogadores o medalha comemorativa e abraça com efusão o seu velho adversário de tantas lutas, Francisco Ferreira



O dr. Tavares da Silva profere, com enternecimento, o elogio de Manuel Marques

# A FESTA DE Manecas



Fernando Peyroteo entrega a sua prenda a Manuel Marques e dirige-lhe algumas palavras amigas. O feito de Peyroteo é aplaudido pela assistência com grande ovação

**M**ANUEL MARQUES, jogador leonino, abandonou oficialmente a prática do futebol promovendo a sua Festa de Despedida no passado dia 5 de Outubro. Lástima que o mau tempo tivesse ofuscado o brilho desta consagração, pois raras festas de jogadores conseguiram até hoje ambiente de tão grande sinceridade e simpatia! Mesmo assim, à volta da figura de Manecas juntaram-se milhares de pessoas não só do Sporting como de todas as outras colectividades num movimento espontâneo de amizade e solidariedade por um homem e jogador que, em dezoito anos de actividade, nunca praticara uma incorrecção nem malquistara um adversário. Francisco Retorta, que assistia à

Festa, disse-nos textualmente num tom carinhoso: — «Manuel Marques é uma das melhores coisas que têm passado pelo Jogo, e invulgar exemplo de dedicação clubista». O jogador era na verdade pequeno na estatura, mas grande no ânimo e em condições morais e físicas. Nisso, sim, era um gigante!

A Direcção Geral dos Desportos, em louvor proferido pelo nosso companheiro de trabalho dr. Salazar Carreira, a Federação de Futebol, a Associação de Lisboa, todos os clubes entre os quais o Desportivo do Campo

(Continua na página 14)



Fernandes entrou resolutamente, estando Wilson numa posição estranha e de recurso



Eis o doloroso mas digno instante da partida. Após um quarto de hora de jogo, partida interrompe-se, Manecas recebe prenda dos seus companheiros de equipagem e caminha-se para o vestiário. Tudo acabou



Arsénio, na marcação de um canto, protege o seu guardaredes

TUDO MAIS BARATO

— TACAS E EMBLEMAS DE TODOS OS CLUBES —

OURO, PRATAS E JOIAS

SÓ NA OURIVESARIA

MIGUEL A. FRAGA, L. DA

LARGO MARTIM MONIZ, LOJA 16

(PAVILHÃO DOS OURIVES)

CLICHÉS

feitos com películas e chapas

LUMIÈRE

# SPORTING

**mantém-se  
em 1.º lugar  
sem**

# DERROTAS



António Marques antecipou-se a Wilson, que está numa posição estorçada...



Verissimo vem ao ataque, procurando a ligação com Vasques. Na defesa estão Daniel e Eloy



Roger antecipa-se a Wilson, que, no entanto, salta com facilidade

## Nem o fantasma



**CONSEGUEM  
AGARRAR**

# ciccio DUCATI

48 cm.<sup>3</sup> de cilindrada

CONCESSIONÁRIOS:

SOC.COM. MICROMOTOR, L.<sup>DA</sup>

Largo do Mastro, 29, 3.º Tel. 43983 - Lisboa



Travassos assiste ao lance — mas não intervém!



Depois de se desembaraçar de Daniel, Vasques marca o 1.º golo da série de três da sua autoria



António Marques abraça o dirigente sportinguista César Vitorino, liquidando assim, amigavelmente, um incidente desagradável ocorrido durante a 2.ª parte do encontro



Fotos JOSE MONTEIRO

Pacheco Nobre procura estorvar a acção de António Marques

# Vitória de Guimarães

(Continuação da página 13)

para o efeito, do amável depoimento do sr. Soares Mourão, que numa conversa rápida e despreziosa nos revelou motivos interessantes.

## A vida clubista

A massa associativa é composta por 3.000 vimaranenses, números redondos, que devotadamente apoiam as iniciativas e não deixam de estar presentes em todos os lados onde os atletas actuam. Há entusiasmo a rodos e fervor clubista pronunciado. Os simpatizantes, — toda a população da cidade, — ama o clube e não lhe regateia o seu apoio.

Como era de prever existem fortes dedicações, ia a dizer, um número avultado de «carolas», sempre prontos para as «grandes ocasiões». Entre eles, é justo destacar os srs. Antero Henrique da Silva, presidente da direcção e António Martins, sócio benemérito, sem desdouro para os restantes.

A situação financeira do clube é, não diremos desafiada, mas pelo menos equilibrada. Para tal muito tem contribuído o tacto administrativo e a análise serena dos assuntos que se prendem com toda a actividade desportiva.

No dia em que o grave problema do custo das organizações seja resolvido, com a diminuição dos fortes encargos que sobre as mesmas impende, — problema este de crucial importância para os clubes desportivos que não desistem de o ver resolvido, com justiça, pelas entidades oficiais competentes, — poderá o Vitória levar por diante o seu sonho de há muito tempo, de se tornar um clube ainda mais eclético. Sim, mais eclético, porque ao contrário do que se julga e é voz corrente quanto aos clubes da provincia, os vimaranenses não têm apenas a turma de futebol que participa no Campeonato Nacional da I Divisão. As categorias de juniores e reservas disputam os respectivos campeonatos da Associação de Futebol de Braga. Em atletismo concorreu a vários torneios, de «principiantes», tendo-se distinguido como elemento de futuro o jovem José Herlander Freitas. Dentro em

breve a secção de atletismo será ampliada, — os atletas não faltam, — devido aos esforços e dedicação dos srs. dr. Moreira Machado e Mário Dias, os dirigentes da modalidade.

Também o volei, basquetebol e natação entrarão em actividade esta época. Para o fim guardamos propositadamente o hóquei em patins por ser tão do agrado dos aficionados do desporto. A equipa, composta por elementos muito habilidosos tem disputado o Campeonato Regional do Porto. E os esclarecimentos continuavam.

No campo atlético foram introduzidos ligeiros melhoramentos não se abalçando o clube a empreendimento de maior vulto, como era sua ambição, por estarem convencidos, os directores, de que não virá longe o dia em que a cidade seja dotada com um Estádio Municipal. Ao Ex.<sup>mo</sup> Presidente da Câmara Municipal, sr. João Maria Martins Ribeiro da Costa (Aldão), deve o Vitória inequívocas provas de deferência que é justo salientar por devidas.

Nas relações exteriores mantém a agremiação fortes vínculos de amizade, admiração e camaradagem com todos os clubes, incluindo o Sporting de Braga, desfeitos que foram os mal-entendidos que em tempo haviam surgido entre estes dois fortes baluartes minhotos.

O lema é trabalhar com afinco a bem do desporto e do prestígio da cidade.

## A equipa principal de futebol

Derivada a conversa para este terreno, ficamos sabendo que reina optimismo quanto à posição a alcançar no Campeonato desta temporada. Todos os vaticínios podem sofrer desmentido, é certo, mas a fé é que nos salva e nos dá ânimo para lutar com denodo e espirito de sacrificio.

A posição actual da equipa não é aquela correspondente ao seu real valor, mas com o decorrer das jornadas devem rectificar-se posições, em consequência da obtenção do rendimento global desejado e que até ao momento não foi ainda conseguido, mas não demorará. A moral dos jogadores é robusta e não faltam valores individuais.

**ESCOLA DE MOTORISTAS**  
**“António da Escola”**  
 A maior organização do País  
 dirigida superiormente pelo seu proprietário **“António Gabriel Jerónimo”**  
 (com a assistência técnica do Eng. **SETTE PIMENTA**)

SEDE :  
 R. António Maria Baptista, 24  
 LISBOA  
 Telefone 42529



SUCURSAIS:  
 Évora — Trav. do Sertório, 26  
 —  
 MONTE-MOR-O-NOVO  
 P. da República (Auto-Rádio)

Officina e Estação de Serviço — Rua Borges Grainha, 15 — Telefone 44725  
 (à Rua da Penha de França)

Entre os reforços, destacam-se o «internacional» José Mota, que alinhou pelo Estoril Praia, Fernando Mota, do União de Coimbra, um prometedor extremo-direito, Alfredo, defesa esquerdo que veio do Alba e o interior Armindo (ex-Leça), que alinha indistintamente dos lados esquerdo e direito, ambos muito voluntariosos e capazes de atingirem boa craveira.

Estes e os antigos, uma vez jogadores e integrados no sistema indicado pelo treinador Biri, — uma competência e uma dedicação, — que goza da maior confiança e respeito dos seus pupilos devem guindar o clube a uma posição que satisfaça os seus mais íntimos anseios.

Biri tem plenos poderes para actuar como melhor lhe pareça, sendo o único a resolver, sem intromissão intempestiva, de carácter técnico, por parte da Direcção.

Aproveitando a redução no preço dos bilhetes, passaram as deslocações a ser feitas por caminho de ferro até que a experiência aconselhe critério diferente. É sempre de considerar a extensão dos percursos. Tem contado a Direcção, com o concurso utilíssimo do presidente do Conselho Fiscal sr. eng.º Alberto Costa, pelo que lhe está sobremaneira grata.

E por último, depois de nos segredar que há fundadas esperanças de não perder um único jogo em Guimarães, afirmou-nos com mágoa que o jogador Teixeira da Silva fora transferido com desconhecimento absoluto da direcção do Vitória e que casos destes, a repetirem-se e a gene-

ralizarem-se, podem ter reflexos desastrosos, pelo que representam de desânimo e de amargura para quem dirige com sacrificio mas com sinceridade e apuro, procurando apenas e unicamente servir o clube e engrandecê-lo.

Os nossos agradecimentos pelas gentilezas sr. Soares Mourão.

## A opinião de dois jogadores

*Armindo Pereira*, conta 21 anos, começou a jogar aos 17 na Naval, da Figueira da Foz e, fixou-se depois no Leça. Esta época pediu transferência para o Vitória de Guimarães, apesar de ter treinado no Estoril Praia que pretendia a sua cooperação.

Em resposta à nossa pergunta, disse-nos:

— Estou contente e satisfeito no meu novo clube, que pode contar comigo. Somos todos uma família. No Campeonato, não ficaremos além do 6.º lugar.

*Fernando Correia Mota*, tem 23 anos. Começou a jogar no Operário, o popular clube do bairro da Graça, tendo alinhado, depois, pelo União de Coimbra até ao final da última época.

Eis a sua resposta:  
 — O ambiente é bom e os camaradas, excelentes rapazes. Gosto do Vitória a quem servirei com entusiasmo. Se bem que a equipa não esteja ainda com o conjunto afinado, faremos boa figura no Campeonato. Talvez um 7.º lugar...

Findamos esta ligeira reportagem, vaticinando ao prestigioso clube, as maiores prosperidades, longa vida e muitos êxitos.

PITTA CASTELEJO

# FEIRA POPULAR

POSIÇÃO DOS CLUBES NA VOTAÇÃO DA "TAÇA POPULAR"  
 EM 9 DE OUTUBRO

<b>Benfica</b> . . . . .	<b>10.703</b>	<b>V. Setúbal</b> . . . . .	<b>252</b>
<b>Sporting</b> . . . . .	<b>7.861</b>	<b>Oriental</b> . . . . .	<b>173</b>
<b>Belenenses</b> . . . . .	<b>1.433</b>	<b>Estoril</b> . . . . .	<b>92</b>
<b>Académica</b> . . . . .	<b>1.045</b>	<b>Braga</b> . . . . .	<b>56</b>
<b>F. C. do Porto</b> . . . . .	<b>466</b>	<b>Olhanense</b> . . . . .	<b>47</b>
<b>Covilhã</b> . . . . .	<b>377</b>	<b>Boavista</b> . . . . .	<b>41</b>
<b>Atlético</b> . . . . .	<b>311</b>	<b>V. Guimarães</b> . . . . .	<b>37</b>

DÊ AOS POBRES VOTANDO NO SEU CLUBE

# LISBOA GINÁSIO e CARNIDE

vencedores dos primeiros jogos para o Campeonato de Lisboa:

COM os encontros Belenenses-Carnide e Lisboa Ginásio-Atlético, principiava a disputar-se, na primeira semana, o vigésimo quarto Campeonato de Lisboa de primeiras categorias da Divisão de Honra da A. B. L.

A competição, organizada pela primeira vez na época de 1927-28 e disputada, desde então, com a máxima regularidade, teve o Sporting como seu vencedor-estrangeiro. Na época imediata triunfou o F. C. Barreirense que, então, estava inscrito na A. B. L. Seguiram-se: o Probidade — já extinto — em 1930; novamente o Barreirense, três anos consecutivos — proeza que ainda não foi igualada — de 1931 a 1933; o União de Lisboa, cinco vezes, em 1934, 35, 38, 39 e 42; o Benfica, também cinco vezes, em 1936, 40, 47, 49 e 50; o Carnide, em 1937 e 44; o Unidos, em 1941; o Atlético, em 1943 e 1948; e o Belenenses, em 1945 e 46.

A primeira ronda, disputada no campo do Sporting, forneceu dois resultados curiosos, até certo ponto contrários à maioria dos vaticínios: vitórias do Carnide — que vinha da Divisão Inferior — sobre o Belenenses e do Lisboa Ginásio sobre a forte equipa do Atlético.

Há, na verdade, que saudar o belo triunfo do Carnide, uma agremiação que, em anos sucessivos, deu ao basquetebol excelente contributo, muito concorrendo para a difusão e progresso da modalidade. A subida do Carnide à Divisão maior, só por si, era de festejar, porque ela pode, perfeitamente, marcar o início de uma fase de ressurgimento dentro da simpática colectividade, há uns anos afastada do plano de relevo que já conheceu. A vitória no jogo de estreia pode já querer significar alguma coisa. Aguardemos, no entanto, próximos encontros. E veremos até onde pode ir, novamente, o Carnide na companhia dos grandes.

O encontro Carnide-Belenenses não atingiu aquele nível técnico que seria para desejar. Acentui-se, no entanto, que estamos ainda em começo de época, e que tudo leva a crer que, nas próximas jornadas, mais treinadas e mais jogadas, as equipas exibam jogo de melhor qualidade. Resultado final 25-23, com 14-9, ao intervalo.

O Lisboa Ginásio superiorizou-se ao Atlético por 41-33, com 25-14, ao fim da primeira parte.

Os «ginasistas» parecem dispostos a fazer carreira. Tanto melhor. Quanto mais numerosos forem os grupos capazes de lutar em pé de igualdade, maior será o interesse pelo torneio. E, com efeito, a avaliar apenas pelos jogos da



**S**ALVADOR DO CARMO SANTOS, Salvador simplesmente, interior-esquerdo do Olhanense, bom manobrador de futebol, tipo franzino e habilidoso, de dribble curto e passagem de medida precisa, deixou a Metrópole. O legítimo direito à Vida, a ânsia de singrar e atingir um ponto determinado, sentindo as possibilidades cada vez mais a escaparem-se-lhe com o tempo, levou-o para Bissau, com um emprego assegurado e um lugar certo na linha dianteira do Clube Desportivo Portugal. Veio dar-nos um abraço de despedida, na sua simpatia de excelente rapaz.

Falámos com ele um pouco e trocámos breves impressões enquanto recordámos a sua intensa actividade já representada por 12 anos de jogador de futebol. Começou — bons tempos! — no Boa Esperança (de Portimão) quando era vulgar um jogador disputar dois encontros no mesmo dia, pois o futebol ainda não estava tão disciplinado como hoje, alinhando na Reserva e no grupo de honra. Isto tudo nos conta Salvador com extrema simplicidade.

Experimentou em seguida os ares de Lisboa, tendo jogado em 1941 e 1942 pelo Chelas, e depois ingressado no Olhanense, camisola que, já envergava briosamente há nove temporadas consecutivas.

No decorrer da sua permanência em Olhão foi chamado para alinhar no grupo que jogou contra a R. A. F., e em 1946 foi suplente do Grupo Nacional que disputou o Portugal-França e o Portugal-Irlanda.

Eis os apontamentos mais salientes da ficha de Salvador, interior esquerdo de jogo artístico.

ronda inaugural, o campeonato em curso parece poder rodear-se de franco interesse e excelente expectativa. Com o facto só tem a lucrar o basquetebol lisboeta, que assim encontra excelente meio de valorização, quer sob o ponto de vista técnico, quer junto do público. E o basquete lisboeta precisa desse movimento de valorização, a fim de quebrar — no próprio interesse da modalidade — a superioridade, há anos verificada, por parte de outros núcleos regionais.

II. T.

# SALVADOR DO OLHANENSE

deixou o clube algarvio e seguiu para Bissau

— CURIOSAS OPINIÕES À CERCA DO FUTEBOL PORTUGUÊS —

— A carreira do Olhanense? — inquirimos...

— Lá continua, sofrendo os efeitos da crise que a terra sofre Bem vê, quando o peixe falta naquelas paragens... tudo é negro. O clube no entanto atravessa um período difícil, sem possibilidades de grandes cometimentos, por virtude de não poder assumir responsabilidades com jogadores de classe, ou com quaisquer jogadores.

E Salvador desabafa conosco: — Só se pode ser jogador de futebol em Lisboa, e mesmo assim, só num Sporting ou Benfica. Na Província? Nem pensar nisso...

E, num ar de amargura: Veja o Olhanense! Um clube de merecimento, representando uma região inteira num torneio nacional, e quase não podendo aguentar o peso do fardo por virtude da questão económica. O clube está na Primeira Divisão, é certo, o que é manifestamente motivo de agrado para todos os desportistas da terra e da bela Província algarvia, mas se não tiver um auxílio, se ninguém lhe acudir a tempo e horas, ser-lhe-á certamente muito difícil suportar o encargo ou as responsabilidades do mandato.

— Admite o profissionalismo? — Admito, sim, senhor. Vejo nele a razão de ser no sentido de dispormos de jogadores afinados e grupos de categoria.

— Mas parece-nos difícil, atalhamos...

— Concorro plenamente e prevejo essa dificuldade. Tinha que se fazer uma autêntica revolução regulamentar, nos métodos e princípios, e, naturalmente, depois de tudo revisto e observado, só podiam ainda entrar no profissionalismo pleno o Benfica e o Sporting.

E dando mostras das suas apreensões, tendo sempre presente o Olhanense, Salvador diz-nos:

— O que irá ser do Olhanense, este ano, nas deslocações a Guimarães, a Braga, ao Porto, à Covilhã, numa palavra, qualquer saída de Olhão. São contos de reis que nem sempre encontram compensação nessas partidas. Os encargos existentes asfixiam os clubes. Creia que deixo o Olhanense com grande tristeza. Em Olhão tinha a minha vida constituída, o meu modesto Café. Mas sou jogador de futebol, interessando-me o que dele possa retirar materialmente. E, como lhe disse e repito, na Província não se pode ser jogador de futebol. Afasto-me para terra africana com mira no meu futuro. Veremos! Julgo que se a outros jogadores se lhe deparar oportunidade igual também deixarão o futebol da Metrópole...

— No entanto, outros vêm de África para cá — observámos.

— Mas esses vêm para o Sporting ou para o Benfica.

— E o Salvador nunca foi tentado por qualquer desses dois Grandes?

— Há uns quatro anos estive quase a envergar a camisola do Benfica, mas as coisas não se resolveram a contento e continuei em Olhão.

— Que impressões leva dos nossos jogadores e dos nossos clubes?

— A melhor possível não tenho razão de queixa de nenhum jogador, de nenhum dirigente. De todos conservo as melhores recordações.

— Gosta da moderna escola do futebol?

— O jogo, agora, é uma massada. Este sistema de marcação enerva toda a gente. Preferia o método antigo, de maiores largas, mais livre de movimentos. E julgo que todos os das linhas avançadas sentem e pensam como eu. E de aí talvez não, cada um tem a sua opinião.

— Pensa fazer bom lugar no futebol africano?

— Pelas informações que tenho e avaliando sem exageros as minhas facultades, estou convencido que me adaptarei com facilidade ao ambiente e que devo agradar.

Assim lho desejamos, francamente, objectámos.

O jogador algarvio abraçando-nos ao mesmo tempo que nos dizia:

— Quero agradecer, por intermédio da *Stadium*, todas as atenções e provas de camaradagem dos desportistas continentais. Deixo-lhes a minha saudação amiga, embora modesta, e votos de que o futebol português progrida e se rodeie das possibilidades e recursos de que tanto necessitam clubes como o Olhanense. E sigo contente e esperançado a minha Vida!

FERNANDO SÁ



SALVADOR visto pelo artista algarvio Adriano



Vital remata e faz golo, se não estamos em erro, o primeiro da partida



Araújo driblou dois adversários, passou modelarmente a Monteiro da Costa e este fez o último ponto do F. C. do Porto

# PORTO ISOLADO EM 2.º LUGAR



Águas, com bom sentido, aproveita a oportunidade. É o golo de abertura do Benfica



O 4.º golo do Porto! Joaquim faz o livre e passa a Araújo, este a Vital e a bola é rematada sem defesa possível



Uma combinação com o extremo-esquerdo portuense, da qual resulta perigo para a equipa lisboeta



A jogada do 2.º golo do F. C. do Porto em que Monteiro da Costa consegue dominar que Monteiro da Costa consegue dominar que Monteiro da Costa consegue dominar. O passe feliz, que sai do lance magoado. O passe foi de Araújo, o avançado-centro do Porto esgueirou-se a tempo e a bola entrou após remate seco e certo

**PARA O SEU CARRO, AUTO SANTA MARTA**



Rosa desvia com os punhos, uma jogada de cabeça de Monteiro da Costa



Uma defesa com aparato de Rosa!



O remate de Araújo saiu muito forte. Rosa defendeu, no estilo que vemos. Talvez a sua melhor defesa!

Foto ERMANN

Barrigana defende no preciso momento em que Águas rematava de cabeça, especialidade de jogo em que é exímio e vai tornar-se célebre



## PANSER RINGEN

CINTAS INTERIÇAS PROTECTORAS DE CÂMARAS DE AR E DE PNEUS (PARA TODAS AS MEDIDAS)



### PANSER RINGEN

O MAIOR DEFENSOR DO AUTOMOBILISTA MODERNO  
MELHOR QUE UM SEGURO DE VIDA.  
A VIDA SEGURA

PELA **PANSER RINGEN**

Boita os faros nas câmaras de ar e permite utilizar os pneus mesmo quando estes já tenham as lonas resbentadas.

AGENTES EXCLUSIVOS PARA

Portugal e Colónias Portuguesas  
União Sul-Africana  
África Equatorial e Ocidental Francesa  
Congo Belga  
e Venezuela

**Soc. Prod. de Angola, Lda.**

RUA DO CORPO SANTO, 16, 3.º - LISBOA  
TELEF. N.º 32673 TELEGR. WIMBA

DEPÓSITO:  
R. DO FERREIAL  
DE BAIXO, 27



Sport Clube de Vila Real — O grupo de futebol que está a disputar o Campeonato distrital e que parece em forma inferior à que revelou na época transacta, mas que é no entanto, ainda, um concorrente valeroso.

## RUGBI

# MAU PRINCÍPIO

CONFORME fora anunciado, inaugurou-se na quinta-feira, a época de «rugbis» com a disputa, entre o Benfica e o Sporting, de uma taça especialmente atribuída em comemoração do dia.

O acontecimento chamou ao campo os habituais espectadores mais persistentes no seu interesse por uma modalidade desfalcente e de difíceis progressos mas, incontestavelmente, de elevado poder emotivo. Somos forçados a reconhecer que este jogo inaugural da temporada nada contribuiu por certo para os animar no seu entusiasmo, e isto por exclusiva responsabilidade da equipa sportinguista, que esqueceu, numa decisão por certo irreflectida, as suas responsabilidades desportivas e os seus deveres para com o adversário e o público.

Há atitudes, que já não são admissíveis na organização actual do desporto português.

O encontro decorreu normalmente durante o primeiro tempo, que terminou com o Benfica vencendo por 6-0; após o intervalo o Sporting e o Benfica obtiveram ambos um golo de pontapé livre, assistindo-se a jogo confuso, de vantagem alternada,

## ARMSTRONG, o que fora triplo campeão mundial de boxe professou!

HENRY ARMSTRONG foi um dos melhores pugilistas na história da nobre arte. Conseguiu o feito espantoso de possuir simultaneamente os títulos de campeão do Mundo nas categorias de levisímo, leve e ligeiro, sendo no mesmo tempo fora do ringue um homem sensato, pachorrento, o que se chama um bom burguês. A miséria em que viveu a sua infância impediu-o de realizar o seu sonho que era estudar Medicina. Já em pleno êxito pugilístico, com uma fortuna amassada à força de socos, pôde satisfazer o negro nascido em Saint-Louis (Estados Unidos) outro dos seus sonhos — a música. E no tempo que lhe restava livre escrevia versos... Retirado das lides da nobre arte, anunciou agora que vai professar e que deseja ser ministro da religião Baptista. «Escutei os clarins de Deus e quero responder...» foram estas as suas palavras para a Imprensa. Mas um cronista norte-americano, comentando, escreve que iguais manifestações se produziram em Henry Armstrong no ano de 1945 e que em lugar de cumprir a sua promessa, voltou de novo a calçar as luvas para fazer uma aparição fulgurante nos ringues... A dar-se uma repetição da sua história — quem sabe! — teremos de novo nos ringues o mais que famoso Armstrong.

com muitos pontapés à futebol e pouca decisão nos raros ataques à mão. Em determinada altura um jogador sportinguista tentou uma paragem directa, sob carga dos benfiquistas e que o árbitro não considerou; tanto bastou para que a equipa verde-branca abandonasse o terreno.

Não discutamos o critério do juiz de campo; admita-se, até, que a paragem directa fora em condições de validade. As boas normas de disciplina indicavam o acatamento da decisão e o prosseguimento na luta até ao apito final; com redobrado ardor.

Estamos certos que, reconsiderando com a calma do tempo, os jogadores se arrependem já do seu gesto, que poderia ter sido evitado com a intervenção conciliadora de um qualquer dirigente presente.

Do que foi dado presenciar do encontro entre as duas mais categorizadas equipas portuguesas, apenas se deduz que continuam imperando os mesmos defeitos e erros. O que é natural no início de uma época, sabendo-se que os jogadores só treinam quando a actividade das competições começa.

O Benfica, mais experiente, desenvolve as melhores acções ofensivas, procurando jogar à mão com os seus três-quartos; o Sporting, cuja defesa nos pareceu segura, pecou por incapacidade dos atacantes, que, de posse da bola, hesitam na corrida, tardam no passe ou desviam para os lados o sentido da ofensiva.

O seu defesa, na marcação dos pontapés livres, é exímio; parecemos, contudo, que a posição e inclinação do eixo da bola nem sempre eram os mais adequados às circunstâncias.

Batidos por 9-3 no momento da sua retirada, os componentes da turma leonina não davam a impressão de serem capazes de inverter o resultado; não tanto por inferioridade do conjunto, mas por imperícia individual nos momentos decisivos, o que é muito mais fácil de remediar.

Não esqueçam, porém, que a vitória se conquista com tenacidade, calma e espírito de luta que nenhuma eventualidade possa destruir. Assim e só assim.

SALAZAR CARREIRA

## RUGBI

# APONTAMENTOS TÉCNICOS

## V — Driblar, condução da bola com os pés

**D**RIBLAR, a portuguesa do termo inglês consagrado pela vulgarização do futebol, é, em resumo prático, o acto de conduzir a bola pelo terreno empurrando-a alternadamente com um e outro pé.

O drible difere essencialmente, no rugby, da mesma manobra no futebol, não só pela diferença de forma das duas bolas, como também pela variedade de adaptação dos seus objectivos às regras essenciais de jogo.

A bola ovalada não se domina e conduz com a mesma simplicidade da bola redonda, cujo rolar é uniforme; ao passo que o drible no futebol é uma manobra de agilidade e subtilidade, no rugby emprega-se como acto de força que, para resultar eficaz, se executa colectivamente, com os jogadores agrupados de maneira a haver um que possa substituir o condutor da bola, quando esta lhe venha a escapar num ressalto caprichoso e tornando, ao mesmo tempo muito mais difícil e incerta qualquer tentativa adversária de paragem.

São os avançados aqueles jogadores que mais frequentemente empregam este recurso de jogo, devendo treiná-lo individualmente e em grupo, para perfeita execução e solidez do bloco.

O método mais aconselhável de treino individual, consiste em procurar conduzir a bola pelo chão sem que ela se afaste dos pés ou fuja ao domínio do jogador.

O condutor do drible empurra a bola com a face interna dos pés em abdução externa, joelhos ligeiramente fletidos e descaídos sobre os pés, para impedir que a bola se escape para cima. A manobra é mais difícil do que pode parecer, porque as cambalhotas da bola são inesperadas e caprichosas, motivo porque indicamos a conveniência de aproveitar também as pernas e os joelhos para manter a bola nos limites desejados.

Quando se haja adquirido em andamento a pericia necessária na condução da bola, aumenta-se progressivamente a velocidade do drible, sem contudo lhe sacrificar os preceitos indicados de constante contacto, sem os quais desaparece toda a eficiência de progressão. Um pontapé que afaste a bola três ou quatro metros, seguido de corrida de perseguição e assim sucessivamente, não tem no rugby, o mínimo valor prático.

Sucede às vezes, durante o drible, que a bola, num dos seus saltos, sobe ao alcance das mãos do jogador; em tal caso — favor da Providência — não há que hesitar em apanhá-la, porque assim mais seguramente se desenvolverá

a continuação do movimento ofensivo.

O trabalho de conjunto do grupo dos avançados, independente do adestramento individual, embora tenha os resultados dependentes da capacidade de cada um na execução correcta do drible, fica sujeito a preparação especial e deve ser cuidada em todos os permenores.

A disposição do grupo atacante em drible não é produto do acaso; o homem que conduz a bola com os pés, será rodeado pelos companheiros, um a cada flanco, para ressaltar qualquer percalço de fuga lateral da bola, outro directamente atrás para prosseguir com o ataque, na hipótese de ficar atazada a bola em relação aos homens da primeira linha.

Os jogadores que colaboram no drible evitarão tirar a bola ao que o conduz, ou sequer dificultar-lhe os movimentos, seguindo-o sempre, porém, com a máxima atenção, prontos a captar a bola e com ela prosseguirem caminho, no caso do seu detentor preferir passá-la a um companheiro ou perder involuntariamente o seu domínio.

Os dribladores devem atacar em formação compacta, nunca desordenada; constituem-se em avalanche que varre o terreno e é tanto mais difícil de sustar, quanto mais aglomerada progredir.

A esta maneira de atacar ligam-se, claro é, diversas variantes tácticas, as quais devem todas ser meticolosamente estudadas em treino: prosseguimento do ataque em passes à mão; talonamento da bola para os companheiros da retaguarda, a fim de frustrar a acção defensiva adversária; lançamento da bola por pontapé, para a faixa lateral oposta do terreno quando o driblador verifique que a defesa contrária se concentrou na frente do bloco.

A manobra de defesa — Todo o jogador deve saber interceptar um drible adversário.

A única forma de o conseguir com segurança é lançar-se ao chão sobre a bola, sem hesitações, colocando o corpo por forma que se interponha ao driblador, oferecendo aos pés deste último apenas a parte inferior do dorso, a fim de evitar qualquer pancada involuntária, mas perigosa. Atirar-se de frente para a bola e para os dribladores é quasi uma tentativa de suicídio.

A paragem do drible, que à primeira vista parece acto heroico, não se reveste do menor risco, quando executada convenientemente; pela lei do jogo, aquele que se lança ao solo para interceptar um drible não pode conservar a bola agarrada.

SALAZAR CARREIRA

## Guidar a tempo

**A** excelente modalidade que é o andebol vai ter, no decorrer deste fim de 1950 e durante 1951, grandes responsabilidades a enfrentar; maiores do que todas as do seu prestigioso passado: em 14 de Dezembro, Portugal-Espanha em Madrid e, no domingo seguinte, 17, Madrid-Lisboa; em 1 de Janeiro, retribuição de visita dos espanhóis ao Porto; finalmente, em meados de Março, França-Portugal em Bordeus.

Como se verifica por esta indicação de datas, os encontros da temporada internacional escalonam-se partindo dos primeiros meses de actividade habitual do andebol português. É arriscado e, para evitar fracassos desagradáveis é indispensável precipitar os acontecimentos, levando as associações regionais a começarem muito mais cedo os respectivos campeonatos. Estamos, porém, em meados de Setembro, a época só abre em Outubro e, porque nada ainda se avançou, nada praticamente se poderá pôr em marcha antes de um mês.

E' muito tempo perdido. A Federação deveria comunicar imediatamente o seu calendário, solicitando das associações a intervenção junto dos clubes seus filiados, no sentido de anteciparem tanto quanto possível a preparação das suas equipas. Se assim não for, corremos o risco de não ter, em 14 de Dezembro, jogadores em forma para constituir uma selecção nacional condigna.

Não menosprezemos o valor dos adversários; os franceses, no seu país, hão-de querer desfornar-se de uma derrota muito difícil de encaixar e os espanhóis, que sempre se escusaram a bater-se conosco, se agora o aceitam é porque se julgam senhores da situação e apoiados nos consideráveis progressos alcançados desde a vinda da Alemanha de um treinador federal.

Tudo deve correr satisfatoriamente se nos prevenirmos com tempo; mas o tempo urge, cada dia perdido é já um prejuízo certo.

### Campeonato de Futebol do Atlântico

Na segunda quinzena do próximo mês de Fevereiro realiza-se o célebre Campeonato de Futebol do Atlântico, no qual participam oito equipas de futebol e todas elas do continente sul-americano. Os grupos já designados são os seguintes: duas do Uruguai — o Peñarol e o Nacional; quatro argentinas — Racing, San Lorenzo de Almagro, River Plate e Huracán; e duas brasileiras — o campeão e sub-campeão do Brasil.

## UMA OPINIÃO

# OS TRÊS DEFEITOS da partida livre

**P**ROSSEGUINDO nas considerações sobre a «Partida Livre», justifico o meu parecer desfavorável acerca da nova modalidade xadrestica, indicando os três factores que originam o meu desagrado e que são: *Pedagogia, variedade excessiva e a minha convicção de que a «Partida Livre é impraticável em torneios de categoria!*

Costa Moreira observando estes mesmos factores sob outro prisma, é de opinião diferente: o estudo memorizado das aberturas é um defeito — eu sustento que é a melhor arma da pedagogia do xadrez; o sistema da Partida Livre dá ao jogo uma variedade que o Xadrez clássico já não possui — e eu afirmo: pois é essa variedade, por excessiva, que mata o interesse pela «Partida Livre». Reformemos o ritmo do lance, porque quatro ou cinco horas é muito — preconiza Moreira. E eu replico: a «Partida Livre» vem agravar esse sistema!

Vou tentar explicar os meus pontos de vista:

### A pedagogia no xadrez

Já no último número da «Stadium» abordei este problema. A teoria das aberturas é uma arma de dois gumes. Costa Moreira e os seus partidários têm plena razão quando afirmam que muitas partidas de responsabilidade se decidem na abertura, sem que o mérito da vitória não tivesse sido outro senão o poder de memória do vencedor, por se limitar a reproduzir na sua própria partida os lances que «viu» fazer num jogo descrito no livro. O Xadrez por correspondência, mais do que qualquer outro, é atreito a especulações de tipo livre. Alguém crismou até este género de competição, com certa graça, de *bombardeio entre dois arquivistas...*

Foi para remediar este estado de coisas que Costa Moreira inventou a sua «Partida Livre». Pretendia assim remediar um mal que só existe na sua mente e na daqueles que consideram uma grande «estopada» aprender algo da teoria das aberturas e que consideram ainda pouco próprio a desigualdade que representa um encontro entre um xadrezista que «decorou» as aberturas e outro que as ignore.

Orá neste desnível nada vemos que ofusque a ética desportiva. Em todos os jogos, é legítimo o aperfeiçoamento mediante a assimilação de conhecimentos técnicos na máxima medida possível. Lá porque no Xadrez esse conhecimento pode ser elevado a alto ponto, por possibilidade de memorizar as fórmulas de bem jogar, será caso para repudiarmos as vantagens que advêm desse estudo? É preciso não esquecer que é principalmente o estudo

das aberturas, «memorístico» ou técnico, que incute no amador o gosto pela análise e o leva a aprofundar todos os seus conhecimentos técnicos, táticos e artísticos do Xadrez.

A concepção do jogo de um xadrezista que já folheou os tratados difere muito da do amador que só conhece o Xadrez de o jogar no «café» ou em casa, com a família...

O estudo das aberturas é pois um factor pedagógico de imenso valor para o aperfeiçoamento técnico dos jogadores — que na Partida Livre é repudiado e portanto a sua ausência um defeito numa modalidade que pretende equiparar-se ao verdadeiro Xadrez!...

### Variedade em excesso

Este é um factor de natureza psicológica. Nos amadores que se iniciaram com o «virus» da Partida Livre pouco influiu. Mas naqueles que penetraram já no mundo polícromo da Teoria das Aberturas exerce uma influência tremenda...

Supondo que a «Partida Livre» progredia (o que não admira pois há muito campo virgem onde poderá germinar...), a sua aceitação no meio aficionado devesse esbarrar justamente com a reacção instintiva desses elementos.

Habitados à fascinação desse capítulo do Xadrez, que lhes permite diferenciar os variados tipos de partida, mediante o conhecimento mesmo superficial da nomenclatura das aberturas, esses xadrezistas dificilmente suportarão a ideia de adoptarem um jogo cuja variedade de esquemas de aberturas jamais poderão abranger, por muito estudo que lhe dediquem. Todas as tentativas nesse sentido devem redundar em saturação, visto não existir nenhum compêndio nem inteligência humana capaz de dominar, com sentido prático, todas as incalculáveis hipóteses que dão origem mais de um milhão de posições diferentes para começar uma partida.

Esta impotência em nada corre, parece-me, para a popularidade do jogo num carácter acima do simples passatempo...

### A «partida livre» é impraticável em torneios

Esta minha opinião baseia-se no seguinte facto: o tempo de reflexão usual nos torneios de grande envergadura é de 2 horas e meia para os primeiros 45 lances, a cada jogador.

Na generalidade este tempo é esgotado, isto é, não é demais, porque os jogadores sentem a necessidade de o utilizar até ao limite. De facto, as múltiplas combinações com que deparamos a cada lance, obrigam a pon-

## UM ESPANHOL EM FRANÇA



**D**E passagem em Madrid a caminho de Toulouse Vaquero, avançado-centro do Valladolid, fez declarações sensacionais a um jornalista.

Disse que vai para França para incutir no espírito dos gaulêses a clássica «fúria» do futebol espanhol. Mas, a verdade é que Vaquero alinha no Toulouse porque conseguiu um excelente contrato: cinco milhões de francos por duas épocas e mais 80.000 francos de ordenado mensal. Além disto, Vaquero afirmou que o futebol espanhol deve ser «injectado» no jogo francês afim de se obter um futebol de «raça» apurada e excelente. Vaquero foi até, agora, o espanhol que melhor contrato obteve em terras de França. Seria pelas suas afirmações?...

deração profunda, especialmente se se trata de xadrezistas de grande categoria ou de encontros «internacionais» com todo o seu peso de responsabilidades...

Orá este período de reflexão não é gasto num ritmo certo. Geralmente, poupa-se tempo nas aberturas, por as conhecer de antemão (não quer dizer que se as jogue maquinalmente, claro!), recaindo a economia de tempo na altura crucial da partida (entre a abertura e a final). Imagine-se agora o que será a «Partida Livre» jogada por dois mestres, a terem que reflectir profundamente desde o primeiro lance. Não bastariam duas horas e meia, com certeza... Nem talvez três horas, para que os jogadores pudessem actuar no ritmo a que estão habituados...

Enfim, é um problema que só a prática poderá demonstrar. De qualquer modo, as aparências não são muito animadoras.

E se a «Partida Livre» não conseguir consagrar-se neste e noutros aspectos da competição, jamais poderá ultrapassar o restrito meio em que hoje vive, e, assim, terá inexoravelmente o fim inglório de tantas outras tentativas de reformar o velho e altaneiro Xadrez.

VASCO SANTOS

Conte em imagens a graça e a vida exuberante de seus filhos, usando LUMIÈRE



de JORGE GARCIA

Alvaro Lopes, grande internacional do hóquei em patins, no momento da apoteose



Alvaro Lopes recebe, emocionado, a Medalha de Mérito Desportivo, assistindo o Inspector de Desportos, Ayala Boto



Pela última vez, Alvaro Lopes alinha no grupo que serviu dedicadamente, a Académica da Amadora

# HOMENAGEM A ÁLVARO LOPES

**M**AIS um atleta que abandonou a prática dos desportos! Alvaro Simões Lopes, o mais antigo jogador de hóquei em patins até então em actividade, despediu-se, deixando vago um lugar difícil de preencher — pelo menos nos aspectos da correcção e aprumo com que sempre agiu, de desportivismo e de disciplina, camarada como poucos e adversário dos melhores. Atleta de uma só cor, defendeu sempre a mesma bandeira, a do clube da sua terra querida — a risonha Amadora. A «passagem» pelo Sporting, breve, aliás, numa carreira longa e brilhante, foi um simples episódio na vida do jogador, porquanto a primeira equipa leonina que figurou em pugnas de hóquei em patins de rodas (campeã de Lisboa e de Portugal em 1939) era simplesmente a dos Recreios da Amadora; e o rinkue utilizado, também era, claro está, o da Amadora.

Alvaro Lopes, nascido na Amadora (sempre a Amadora!) em 21 de Janeiro de 1919, começou muito novo a calçar os patins; e tamanho gosto lhes teve, que, pode dizer-se com propriedade, quase nunca mais os largou... Aos 15 anos já jogava, nas categorias secundárias da Liga Desportiva Pró-Amadora, mas somente nos 23 começou a evidenciar-se, como excelente atleta — que viria a ser dos primeiros campeões do Mundo! Alinhava, então, na equipa dos Recreios, tendo por companheiros, entre outros, seu irmão Augusto, Varandas, Tinoco, Sotomaior, Gastão, Rato, Mendes, Sanches, José Manuel, etc. A turma principal — que, como as de segunda e terceira categoria, se espasou inteiramente para o Sporting em 1936 — era formada por: Gastão, Alvaro, Tinoco (depois Rato), Varandas, Sotomaior e Augusto. Mas a primeira equipa que representou o Sporting no seu reaparecimento (importa dizer que as «leões» já tinham praticado a modalidade) incluiu novos elementos — tais como Mendes, Sanches e José Manuel, alcindeiros assim à categoria de honra. E o grupo campeão lisboense e nacional compunha-se já daqueles jogadores e, também, de Alvaro Rato — que vai abandonar igualmente a actividade dentro de pouco tempo... — em substituição de Tinoco, Varandas, Sotomaior e Augusto Lopes. Quatro anos se conservou Alvaro (e os seus fiéis companheiros) no Sporting; depois, o clube leonino desinteressou-se, mas a maioria dos ex-recreativos e ex-sportingistas voltou para a Amadora! Fundou-se a Académica — que vai entrar no seu oitavo ano de existência — e (nem podia deixar de ser) Lopes foi um dos seus fundadores, como já havia sido, também, do Lusitano Amadora Clube, sucedâneo da Liga Desportiva Pró-Amadora, colectividades exclusivamente destinadas à prática do hóquei em patins de rodas. Com ele — foram quase todos; menos Sanches e Mendes. O primeiro ingressou no Futebol Benfica e o último no Lisgás, onde ainda está, ao que nos dizem, porém, por pouco tempo mais — pois vai também despedir-se...

(Continua na página 14)

ARMAS E MUNIÇÕES  
**A. MONTEZ**  
P. D. JOÃO DA CAMARA, 3  
Telf. 25731 — LISBOA



Fotos AMÉRICO RIBEIRO

O guarda-redes do Boavista defronte, quando as coisas estavam feias, António Caiado interpõe-se e protege

## Vitória 1 — Boavista 0



Jogada de ataque do Boavista em frente das balizas de Setúbal

## Covilhã 4 — Olhão 2



Fotos ARNALDO SOARES

António José apresta-se para uma defesa por alto

Simon yi,  
avançado-  
centro dos  
«Leões» da  
Serra difi-  
cultu uma  
acção de  
Abraão



Carlos (do Boavista) eleva-se ao mesmo tempo que Batalha (do Setúbal)



LUMIÈRE  
tudo para  
profissionais  
e amadores  
COM LUMIÈRE...  
FAZ QUANTO QUER.



O sr. Soares Mourão, secretário da direcção do Vitória de Guimarães transmite ao nosso camarada Pitta Casatelejo o que pensa do grupo de Guimarães. O massagista segue atento a conversa.



Na manhã de domingo seguinte a hora do almoço chegou um grupo de jogadores do Vitória de Guimarães, em plena Baixa, troca impressões com o seu treinador, o nosso amigo Biri. Reconhecem-se na foto Franklin, Silva, Fernando Mota e Costa. Todos estão contentes: dizem que adquirem um bom resultado.

O nosso fotógrafo surpreende um grupo de jogadores de Guimarães em passeio ameno numa das ruas centrais de Lisboa — Rebelo, Armindo, Carlos, Silva e Costa e Vieira.



Fotos F. SA

# O VITÓRIA DE GUIMARÃES

Clube de prestígio, trabalha com entusiasmo e confia nos seus VALIOSOS MILEGERS

Cartoesa de declaração do director, sr. SOARES MOURÃO

No último domingo esteve em Lisboa o Vitória, de Guimarães, melhor dizendo a sua equipa de futebol, composta por garbosos atletas, todos eles respirando saúde, e que vieram acompanhados do treinador Biri, massagista Amílcar Dias e dirigente sr. Diamantino Augusto Soares Mourão que exerce o cargo de secretário da Direcção do popular e muito conceituado clube da cidade que foi berço da nacionalidade.

Na medida do possível e com maior ou menor valia, todas as agremiações desportivas e, em especial, as que ascenderam a posição destacada no firmamento do desporto português, são dignas de estímulo e palavras de incitamento pela quota parte de trabalho consagrada ao progresso de tão valioso sector de actividade, parcela integrante do todo que é a Nação.

A sua vida, os projectos e anseios, as realizações levadas a efeito, as dificuldades que surgem, as esperanças que se desenharam, devem ser conhecidas para que se aquilate do labor interno e se desfaçam idéias erradas quanto ao mérito e razão de ser da sua existência.

Os clubes, como os indivíduos, têm vida própria, regra geral toda ela palpitante e dinâmica com luta infrene e ardorosa para a obtenção das realidades vitais.

Vamos conhecer a traços largos o palpitar do Vitória Sport Club, que sabe o que quer, que legitimamente pretende continuar a servir com honestidade e apesar de todas as contrariedades está disposto a marcar posição e a singrar sem desfalecimentos, servindo-nos,

(Continua na página 6)

## Atlético vence Académica



Ben David e Armando Carneiro saltam, mas não evitam a defesa de Capela



Branco disputa a bola de cabeça a um adversário



Fotos ROLAND OLIVEIRA

Capela entra em acção, recolhe um facto renante

Uma defesa a soco em bom estilo, que o redo observa com íntima satisfação



Diogo tenta cortar uma avançada do Atlético



COM  
**FARINHA 33**  
um homem vale por três

SERA CAMPEÃO DA BOLA  
TOMANDO "VITACOLA"

# FESTA DE HOMENAGEM A MANUEL MARQUES

(Continuação da página 4)

Grande onde o jogador iniciou a sua carreira, muitos amigos e desportistas associaram-se de alma e coração ao acto consagratório, oferecendo medalhas, prendas e o seu entusiasmo. Fernando Peyroteo não faltou também à chamada, e os companheiros da equipa ofereceram uma salva de prata. Tudo certo.

Nos desafios que constituíram a base da Festa, o Belenenses derrotou o Atlético por 6-0 e o Sporting infligiu ao Benfica, seu velho rival, a maior derrota de todos os tempos, se não estamos em erro, vencendo por 8-1. A verdade, porém, é que destes números não devem tirar-se conclusões decisivas, pois o desfecho resultou, quanto à nossa maneira de ver e apreciar, da forma por que as quatro equipas encararam as partidas.

O Atlético, em condições inferiores de luta, dado o estado do rectângulo e a «veterania» de alguns dos seus homens da defesa, não se empregou a fundo na luta contra um Belenenses, desleixo de se provar, e de ressurgir para satisfação da camada associativa.

No desafio maior, ao passo que o Sporting se desenvolveu em campo como se se tratasse dum encontro oficial, com ganhas, o Benfica não o imitou consentindo um pouco nas manobras do adversário. É justo destacar a exibição singularmente brilhante — o melhor presente oferecido a Manuel Marques! — da equipa leonina, no enlance das jogadas e rapidez da execução, sempre com a bola sobre a relva em ritmo de acção veloz e ao mesmo tempo preciso, mas é fora de dúvida que o colorido da partida foi diferente para os dois grupos. O Sporting elevou-se acima do seu normal ou da média das últimas exhibições, mas o Benfica aproveitou a oportunidade, e esta orientação parece-nos certa, para lançar alguns dos seus novos valores.

Tivemos o gosto de, por incumbência da Comissão Organizadora, traçar o elogio de Manuel Marques e procurámos recortar o mais perfeitamente possível a sua bela e humana personalidade de homem e jogador, o momento de emoção que representou a Festa, a sua dedicação ao Sporting expressa no envergamento de uma só camisola durante dezoito épocas e a influência do clube no seu desenvolvimento, a sua vida exemplar como homem, a sua figura de jogador no desempenho de múltiplos lugares desde o ataque à defesa (especialmente como médio-esquerdo do tipo antigo e defesa-central na escola moderna), e o que representa de exemplo para o futuro o seu modelar comportamento e a sua dedicação sportinguista sem limites. Manuel Marques, o jogador do lenço branco a esvoaçar, flexível e indómito, é já, de um dia para o outro, um homem do passado, mas o seu nome jamais deixará de iluminar o Futebol Português.

TAVARES DA SILVA

# HOMENAGEM A ÁLVARO LOPES

(Continuação da página 12)

Enquanto jogou pelo Sporting, Álvaro Lopes conheceu os seus primeiros grandes triunfos, tendo sido campeão de Lisboa e de Portugal e representado o País no estrangeiro. Depois foi uma caminhada rápida para a glória — que culminou no ano de 1947 com a conquista da Taça da Europa (Montreux) e dos campeonatos europeu e do Mundo, alcançados, com tanto brilho, no Pavilhão dos Desportos.

Em 1938, Álvaro Lopes eitou-se como o melhor defesa nacional, merecendo a honra da sua primeira selecção — a substituir António Adão na equipa portuguesa. Foi a Antuérpia (31.º campeonato da Europa) estreando-se contra a Bélgica (2-3) em 26 de Março. Caso curioso: aquele desafio com os belgas foi o único que se perdeu! No mesmo torneio defrontam ainda a Itália (1-3), Inglaterra (0-3), Alemanha (3-1), Suíça (2-1) e França (5-1). A turma nacional da estreia de Lopes, que se classificou em 4.º lugar, fazia parte Adolfo, Olivério, Sidónio, Mendes e Magalhães. Depois disputou mais 25 desafios internacionais (no todo: 31) — conquistando 12 vitórias: no conjunto, porém, anotando-se-lhe 21 triunfos (11 consecutivos; desde que, em 4 de Abril de 1947, Portugal bateu a Espanha, pela primeira vez, por 6-3) além de 3 empates — contra a Suíça e a França (Montreux: 1939) e a Itália (Lisboa: mesmo ano) — e 7 derrotas: as três citadas (Bélgica, Itália e Inglaterra: 1938) e mais — contra: Itália (1-5) e Inglaterra (0-3) no XII campeonato da Europa e II do Mundo em Montreux-1939; Itália-B (2-3) na Taça das Nações em 1946; e Inglaterra (3-5) na Taça da Europa-1947, em Montreux, onde pela primeira vez Portugal triunfou.

Os desafios ganhos depois de 1948 (descontados os aliados: contra Alemanha, Suíça e França — na estreia) foram contra as equipas seguintes: Alemanha (2-1), Bélgica (2-1) em 1939; França-B (11-1), Bélgica (12-2), França (7-2) e Suíça (7-3) na Taça das Nações 1946 (2.º lugar); Espanha (6-3), Bélgica (11-0), França (11-2), Itália (4-1) e Suíça (7-1) na Taça da Europa (vencedores) em 1947; Bélgica (7-2), Espanha (2-1), França (7-1), Suíça (5-2), Itália (3-2) e Inglaterra (3-0) no III campeonato do Mundo e XIII da Europa, no mesmo ano, em Lisboa. Em suma: 31 internacionalizações — contra a Itália (6 vezes); Bélgica, França e Suíça (5 cada uma); Inglaterra, (4); Alemanha e Espanha (2); França-B e Itália-B. Outras selecções mais: I Lisboa-Trieste (1-1 em 4/9/39); III Norte-Sul (6-1) em 26/7/47; e IV Norte-Sul (4-2) em 8/11/47. Nas equips de selecção pelas que alinhou Álvaro Lopes, além da estreia, em Montreux, teve como companheiros — Adolfo, Sidónio, Olivério, Leonel e Mendes (1939) com Bernardino a suplente sem jogar; Cipriano, Sidónio, Olivério, Jesus Correia e Correia dos Santos (1948) com Rui Pedrosa e Raio a suplentes sem jogarem; Cipriano, Sidónio, Olivério, Jesus Correia e Correia dos Santos (1947) com Emílio, Henriques e M. Soares, a suplentes, sem jogarem os dois primeiros, na Taça da Europa (Montreux) e o primeiro e o último no Campeonato do Mundo (Lisboa) — e ainda, no mesmo ano, contra o Norte: Cipriano, M. Gomes, Olivério,

Jesus Correia, Correia dos Santos, Raio, Sidónio, Vêlez e Emílio (suplente nos dois encontros).

\*

Se tanto não bastasse... Mas a carreira do inolvidável jogador — modelo de desportistas e exemplo bem frizante de perseverança — está retratada nesta fugaz «imagem» da sua acção. Quer dizer: 34 selecções (31 pela turma de Portugal) e uma vitória no campeonato do Mundo e da Europa — a primeira! — além de campeão nacional e de Lisboa. Tudo isto como praticante dos melhores na modalidade do hóquei em patins de rodas. E ainda mais: Álvaro Lopes fruito a suprema ventura de ter feito parte das equipas que obtiveram o primeiro triunfo no estrangeiro, os primeiros títulos de campeão do Mundo e da Europa, e a também, que pela primeira vez bateu a Inglaterra! Esta campanha victoriosa e brilhante constituiu o maior orgulho do atleta — que soube cumprir a sua missão como poucos, sempre com igual apuro, sem a mais pequena sombra a empanar-lhe o brilho. Durante 25 anos de actividade, Álvaro Lopes não sofreu sequer uma repreensão, comportando-se com a mesma disciplina e correcção desde o primeiro dia até ao dia do abandono.

Honra lhe seja. Bem haja por ter tão bem sabido dignificar o desporto — embrocando-o e ganhando, para si, o prémio maior da simpatia e admiração geral, misto de respeito e de muita estima.

\*

A festa de sábado no Pavilhão dos Desportos teve o luzimento que se esperava. Álvaro Lopes viu-se rodeado dos seus melhores amigos (companheiros e adversários) e teve oportunidade para verificar quanto era estimado. O público também não lhe esgotou aplausos. Em esturmo: noite de gloriosa consagração, muito merecida, a culminar a carreira brilhante de um desportista na aceção mais pura do termo. De todas as prendas recebidas, valiosas e algumas até com significado especial, as que melhor eco devem ter tido no coração do atleta, foram, talvez, o louvor da Direcção Geral dos Desportos, e a atribuição das medalhas de bons serviços da Câmara Municipal de Oeiras e de mérito da Federação Portuguesa de Patinagem e da Associação de Patinagem do Sul. São, com efeito, lembranças inestimáveis, troféus maravilhosos de que qualquer desportista pode ufanar-se.

O espectáculo propriamente dito — aparte o momento solene da consagração e da despedida — consistiu de exhibições de patinagem artística pelas gentis meninas Maria Virgínia (Académica) e Maria Antónia (Sporting) e de três desafios de hóquei. No primeiro, para disputa da taça «Académica da Amadora», defrontaram-se os dois Benfics, que empatarem por 2-2; mas no Futebol foi atribuído o trofeu por ter obrigado a maior número de defesas. Alinharam e marcaram: Antunes, Lopes, Cruzado, Lisboa (1), Perdigo (1) e Mário, pelo Benfica; Ferreira, Torcato, Sidónio (1), Dias (1), Saul e J. Francisco, pelo Futebol Benfica. Arbitrou Martins Correia. Seguiu-se o encontro Hóquei de Sintra-Paço de Arcos, que os campeões nacionais ganharam por 5-3, conquistando a taça «Campeões do Mundo — 1947».

# MULHERES E FUTEBOL

**D**EPÓS da notícia daquela intemerata espanhola que pretende arbitrar jogos de futebol em Espanha, vimos nos jornais deste país a informação do oferecimento de uma equipa feminina de futebolistas inglesas para realizarem alguns encontros no país vizinho. Trata-se do grupo «Preston Ladies» que em 18 de Julho passado venceu em Belfast, por 4-1, uma equipa formada por jogadoras francesas, seleccionadas em Argel e Casablanca.

Julgamos que esta aberração do futebol feminino fora simples e passageiro disparate de há vinte e cinco anos; afinal, continua ainda, embora com restrita expansão e, felizmente, vivendo quase em sigilo.

O futebol, jogo essencialmente de choque, viril e arriscado, de maneira nenhuma se pode adaptar à prática por mulheres; como desporto, não se justifica, como espectáculo, o menos que poderemos dizer, é não ser admissível.

A actividade desportiva feminina, aconselhável e necessária para a sua perfeita saúde física, deve ser condicionada pelas suas condições fisiológicas, frageis em certos órgãos e aparelhos e limitada aos exercícios que não possam afectar a sua saúde moral.

Pôr raparigas a jogar futebol não nos parece medida acertada. Consideramos condenáveis para o seu sexo todos os jogos em que exista o choque directo, como, por exemplo, também o hóquei, o andebol e o basquetebol, embora menos sujeitos a perigo do que o futebol.

O jogo de equipa mais aconselhado para elas é, sem dúvida, o voleibol, excelente exercício físico e que seria muito bem divulgado entre nós como padrão para as competições colectivas.

Mas o futebol! que heresia. Nem para as praticantes, nem para o próprio jogo, que não concebemos sem aquelas condições de combatividade, de energia e decisão que são características do sexo masculino.

Alinharam e marcaram: Sintra — Cipriano, Raio (2), Edgar, Vêlez (2), Pires (1) e Fernando; P. Arcos — Emílio, Henriques (2), Gomes, Ramos, C. Santos (1) e Ribeiro. Arbitrou A. J. Alves. O último jogo teve como protagonistas a Académica e Sporting de Oeiras, ganhando os oelrenses por 6-5. Alinharam e marcaram: Mucedo, Lopes (durante seis minutos; depois Pereira), Saavedra (2), J. Manuel (2) e Correia (1), pela Académica; Martins, Catarino, Cavaliheiro, Henriques, Miguel (5) e Acúcio (1). Arbitrou Américo Rombert. O Sporting de Oeiras ganhou a taça «Álvaro Lopes».

JORGE MONTEIRO

## Companhia Colonial de Navegação

Assegura o serviço regular  
de passageiros e carga  
para a África Portuguesa  
e Brasil

e de carga  
para a América do Norte

# NOTA DA SEMANA

O sistema de venda dos bilhetes de ingresso no Estádio Nacional, inaugurado pela Federação Portuguesa de Futebol na época transacta, se não teve o mérito de satisfazer toda a gente, limitou o negócio de certos intermediários e garantiu ao organismo empreendedor dos desafios internacionais, a indispensável margem de segurança financeira para salvar as receitas dos encontros com a Inglaterra e com a Escócia.

O exemplo partira da Federação de Hóquei em Patins, se bem nos parece, e os resultados obtidos durante os jogos no Pavilhão dos Desportos, justificavam plenamente a experiência, quanto ao jogo da bola redonda. Discutiram-se, evidentemente, com mais euforia a lógica e sem faltar a uma ponta de romantismo, as determinações da F. P. F., citando a cada passo (como é de uso inmemorial na vida portuguesa) que o sistema nunca fora posto em prática «lá fora», estando condenado a fracassar, num futuro mais ou menos próximo.

Parece-nos o contrário, todavia, e os nossos irmãos peninsulares se não se inspiraram, já, nele (nada de novo existe, debaixo do Sol) fizeram recentemente uma experiência de via reduzida, com bons resultados.

No penúltimo domingo, a Real Sociedad de San Sebastián jogou contra o grupo de Lérida e daqui a pouco enfrentará, no seu terreno de Atocha, o Atlético de Bilbao. Este segundo encontro é sempre um acontecimento de grande vulto, que promove verdadeiras batalhas entre os entusiastas para conseguirem lugares numerados.

Vai daí, os dirigentes donostiarros, decidindo pensar a fidelidade dos que se deslocam sistematicamente a ver o onze local, fizeram o mesmo que a F. P. F., só vendendo colecções de 2 bilhetes, para ambos os encontros.

Assim, obtiveram uma enchente no primeiro jogo, confirmando a utilidade do sistema. E, os clubes provincianos dispõem-se a imitar o colega dentro de pouco tempo, pelo que as previsões dos augures portugueses parecem em desacordo com os factos.

Éis um método aceitável de aumentar as receitas dos clubes menos favorecidos, de execução fácil e de fabrico puramente português.



A decisão da Federação Espanhola de Atletismo, de riscar os melhores corredores de fundo da lista dos amadores, porque se prestaram a disputar prémios pecuniários em provas de carácter regional, produziu profunda impressão na opinião pública do país vizinho.

O caso era antigo e mantinha-se latente, muito embora os dirigentes nacionais tivessem envidado os seus esforços para suspender as práticas contra o amadorismo, entre os seus filiados, mas nenhum resultado positivo se conseguiu. Reconhecida a necessidade de medidas severas, os federativos não tiveram outro remédio do que considerar os elementos desobedientes como profissionais, amputando a representação espanhola dessas figuras de renome, o que vai enfraquecer sensivelmente a turma nacional, quando fizer frente às estrangeiras.

É de louvar a energia dos que deliberaram o saneamento, enfrentando, como é da praxe, as críticas dos espiritos tolerantes e predispostos à benevolência, em termos de responsabilidade dessa benevolência, cabe a terceiros... mas, a nosso ver, a sentença foi incompleta e merece ir ao ponto nevrálgico do problema.

Diz um ditado antigo: A ocasião faz o ladrão. Por outras palavras, se os fundistas espanhóis não tivessem oportunidade de disputar, entre si, prémios pecuniários, é de admitir que o acontecimento jamais tomasse o rumo actual.

Em primeiro lugar, compete aos clubes impedir as exhibições dos seus atletas, esclarecendo-os previamente acerca das prováveis represálias. Depois, os organismos regionais deviam protestar junto das autoridades, solicitando a proibição das corridas e, só em última análise, se applicaria a pena máxima.

Embora um mau exemplo nunca possa servir de justificação, abundam, para além dos Pirinéus, casos de profissionalismo encapotado por demais conhecidos. Na Suécia, por exemplo, na Rússia, na Checoslováquia, na Hungria, etc., e, mencionando as modalidades, temos o ténis, o atletismo, a natação, etc..

O caso de Zatopek, promovido a capitão do Exército, como prémio das suas vitórias internacionais, tem um sabor amargo e provoca espanto. A continuar derrubando recordes temo-lo marechal dentro em pouco!

E, como os vencimentos sobem de acordo com os postos, a Locomotiva Humana, está usufruindo um benefício pecuniário que ofende singularmente a ética do amadorismo.

Quanto a certos tenistas, cuja vida profissional consente longos meses de viliatatura pelo estrangeiro, o aspecto da questão é o mesmo. É caso para eitar o uforismo do sapateiro de Braga, não fiquem dúbidas.

RAFAEL BARRADAS



## Boxe

## Atletismo

Estão assentes para breve dois importantes campeonatos. O do Mundo, de nívelíssimo, entre o espanhol Luis Romero e o sul-africano Vic Towell, a realizar em Johannesburg em meados de Novembro. O outro disputar-se-á em Londres, para atribuição do título europeu de médios, abandonado pelo italiano Tibério Mitri, e terá como participantes o francês Robert Villemain e o britânico Randolph Turpin.

Em Paris, o pugilista Bonnardel recuperou o título nacional de semi-leves batendo o detentor, Lesage, por abandono no 12.º assalto. Prepara-se, agora, para desafiar o seu compatriota, Ray Famechon, detentor do título europeu da mesma categoria.

Em Casablanca, o espanhol Garcia pôs fora de combate o francês Cequanqui, no 7.º assalto.

Depois de uma rija batalha, na Sala de Wagram, Guy Toupé derrotou Jean Béchar, por K-O no 10.º assalto.

No Madison Square Garden, Johnny Saxton, considerado sucessor eventual de Ray Robinson, na categoria de semi-médios, bateu Tony Pellone, por pontos, averbando a 17.ª vitória consecutiva.

Em Pontypridd (Gales) o antigo pugilista Tommy Farr, ex-campeão de pesos, reapareceu após dez anos de inactividade. Oposto ao holandês Jan Klein demonstrou bastante superioridade e venceu por K-O ao 6.º assalto, depois de castigar o gigante flamengo.

Tino Albanese, pugilista italo-tunisiense, estreou-se brilhantemente em Paris, contra Mariello Bouvet, derrotando-o por pontos, em 5 assaltos.

O circo Royal, de Bruxelas, inaugurou a época de inverno. O combate mais atraiante do cartaz disputou-se entre Jacques Debay e Edgar Delannoit, saindo este último vitorioso por decisão do árbitro.

Luis Romero, campeão de Espanha e da Europa (levíssimos) ganhou ao francês Marcel Mathien, em Barcelona, sendo a decisão dada por pontos.

## Futebol

A Hungria derrotou a Albânia por 12-0, em Budapest. Os albaneses, que recentemente tinham perdido contra os checos, em Praga, por 3-0, acumbiram depois de onze minutos de luta. Os avançados húngaros jogaram na perfeição, em particular Burkas, marcando 5 tentos na primeira parte.

Em Oslo, a Suécia derrotou a Noruega, por 3-1. Simultaneamente, a equipa B da Suécia venceu a Finlândia, em Helsinquia, por 1-0.

Está em estudo uma competição entre os países do centro da Europa, designadamente, Alemanha, Itália, Suíça, Checoslováquia, Hungria e Suedoia, para disputa de uma Taça. Embora com pouca importância, o torneio designar-se-á Campeonato da Europa Central, ficando a Austria excluída de participar.

A sétima jornada do Campeonato de França de futebol foi fértil em surpresas. Dos quatro grandes do princípio da época, Racing de Paris, Rennes, Estrasburgo e Metz, só o penúltimo não foi derrotado. Metz, chefe de fila da 2.ª Divisão, perdeu ante Lyon, contra as melhores hipóteses.

A ordem posicional dos clubes, presentemente, é a seguinte: Estrasburgo (12 pts.); Racing de Paris, Rennes, (10 pts.); Reims e St. Etienne (9); Lens e Lille (8); Nancy, Metz e Stade Français (7); Bordeaux, Marseille, Nancy e Roubaix (6).

O movimento financeiro e de espectadores, relativo à mencionada jornada, nas duas Divisões, foi o seguinte: Receita geral, 22.726.828 francos; espectadores, 111.622.

Os jogadores ingleses continuam a ser debatidos, entre a União dos profissionais e a Federação. Até agora nenhuma perspectiva de acordo se vislumbra, pois as duas partes mostram-se irredutíveis quanto aos respectivos pontos de vista.

O último encontro internacional da temporada, disputado em Paris, entre a França e a Finlândia, terminou favoravelmente para os primeiros, por 115 pts. a 95.

Os franceses triunfaram em todas as corridas, excepto nos 10 quilómetros, vencendo igualmente os saltos, menos o triplo. Bally, campeão da Europa, venceu os 100 e 200 metros; Luis igualou o recorde de França dos 400 (47,8 seg.) seguido de Martin du Gard (47,8); El Mabrouk venceu os 800 e 1.500, em 1 m. 52,9 e 3 m. 53,8; a equipa nacional francesa bateu o recorde de 4x100, no tempo de 41 seg.; o lançador de martelo, Osterberger elevou a marca nacional para 51,66 metros; o saltador à vara, Sillon, transpôs 4,20 no primeiro ensaio, e Thiam Papa Gallo, venceu o salto em altura.

## Natação

Durante uma competição efectuada em Innsbruck entre a equipa muniquense e a grolense, o nadador alemão Klein apropriou-se de dois records nacionais. A primeira conquistou o dos 100 metros (estilo livre) com 1 m. 7,5 seg.; a segunda imitou-a nos 400 metros, que percorreu em 5 m. 23 seg..

A última façanha mundial pertence ao russo L. Mechkov, em 1 m. 6,8 seg..

Em Casablanca, os nadadores franceses, Gisèle Vallerey e Colette Thomas, apropriaram-se de dois records nacionais. A primeira conquistou o dos 100 metros (estilo livre) com 1 m. 7,5 seg.; a segunda imitou-a nos 400 metros, que percorreu em 5 m. 23 seg..

## Ciclismo

O Grande Prémio Internacional, corrido em Paris, coube ao ciclista francês Louis Bobet, que percorreu 100 quilómetros em 2 h. 17 m. e 9 seg. à média de 43,83/hora.

O corredor suíço Koblet venceu brilhantemente o Grande Prémio da Suíça, que se disputou pela 3.ª vez. Anteriormente fora o seu compatriota Kubler o primeiro classificado nesta prova contra-relógio, e o seu recorde continua de pé.

O velocipedista belga e campeão do Mundo de estrada, Schotte, quando participou numa prova no velódromo de Le Mans, tombou da máquina, fracturando uma clavícula.

## Ténis

O tenista egípcio Drobny (de recente naturalização) ganhou em Paris a Taça Porcé, batendo na final masculina o australiano Geoff Brown em 3 partidas. Esta prova é a última da temporada ténistica no ar livre.

Pancho Gonzalez conquistou o campeonato de profissionais celebrado no Estádio de Wembley, vencendo o seu compatriota Van Horn, na prova final, por 6/3, 6/3, 6/2.

com **Lumière**

não há más

FOTOGRAFIAS

# BELENENSES, 4 ESTORIL, 3



A bola parece haver passado fora do alcance da guarda-redes, mas pode ser que tenha saído do terreno por alto

Alberto intervém, num corte oportuno



Larangeira, guarda-redes do Estoril, lança-se aos pés de Frade e tira-lhe a bola. Um companheiro mostra a sua apreensão quanto ao resultado da jogada

Fotos AMADEU FERRARI



Tudo está atento ao lance! Os defesas do Estoril tomam precauções, protegendo as balizas

## ORIENTAL, 1 — GUIMARÃES, 1

2 Fotos JORGE GARCIA



1 — Alvaro Pereira, que alinhrou pela primeira vez no Oriental, em lance de enérgica disputa.

2 — O homem de Guimarães deixa passar o adversário.

3 — Franklin não consegue evitar a defesa de Graça.



O guarda-redes e a defesa do Estoril saltaram mais alto do que os atacantes

Liga o seu palpite...  
JOGO DA CASA  
**CAMPIÃO**  
RUA DO AMPARO, 116 PRACA DO ARIARO, 5 A  
LISBOA

## SPORTING CLUBE DA PENHA inaugura a Secção DE CICLO-TURISMO



Os novos ciclo-turistas do Sporting Clube da Penha de França alinhados em frente da sede do clube, pouco depois do acto inaugural da nova Secção.



No decorrer da sessão solene efectuada por motivo da inauguração da secção de ciclo-turismo do Sporting Clube da Penha de França, o sr. Joaquim Rebelo usou da palavra, afirmando que os ciclo-turistas do Sporting da Penha de França apareciam para constituírem agrupamento de amizade e esparadagem desportiva, quer dentro do seu clube quer entre as colectividades de Lisboa, valorizando sempre